

O sintagma nominal no caboverdiano *Noun phrase in Cape Verdean*

Wânia Miranda

Universidade de São Paulo, Brasil
waniamiranda@usp.br

Resumo: Este artigo apresenta um estudo sobre o sintagma nominal do caboverdiano, empreendendo uma comparação com o português europeu (PE), português brasileiro (PB) e ainda com o crioulo da Guiné-Bissau (Kryiol). O sistema de determinantes do crioulo de Cabo Verde – CCV – coloca questões que despertam interesse para os estudiosos da língua, pois apresenta fatos que não se atestam em outras línguas próximas, como o português. A partícula *kel*, por exemplo, é tida, por alguns estudiosos, como um artigo definido, mas a definitude não é necessariamente marcada por ele, podendo os nomes sem determinantes também expressá-la em caboverdiano. Além disso, de acordo com grande parte dos especialistas do CCV, o uso de *kel* não é nem necessário, nem previsível. Neste artigo, discutiremos alguns trabalhos que versam sobre o sintagma nominal em caboverdiano, apresentando argumentos que corroboram ou não estes trabalhos, bem como os resultados de nossas análises sobre o sistema de determinantes do CCV.

Palavras-chave: Caboverdiano; sintagma nominal; semântica; determinantes.

Abstract: This paper presents a study on the Cape Verdean noun phrase, undertaking a comparison with European Portuguese (EP), Brazilian Portuguese (BP) and Guinea-Bissau Creole (Kriyol). The determiner system of Cape Verdean Creole – CVC – raises some questions which are of interest for language researchers since this system comprehends structures which are not attested in other similar languages, like Portuguese. Several scholars consider the "kel"particle, for example, as a definite

article. However, the definiteness is not necessarily expressed in this particle and, in Cape Verdean, bare nouns can also come with this particle. Furthermore, according to the majority of CCV researchers, "kel" is neither required nor expected in the noun phrase. In this paper, several studies that deal with Cape Verdean noun phrases will be discussed and some arguments which confirm or not this works will be presented. The results of the analyses of the CVC determiner system will also be demonstrated.

Keywords:

1 *Kel* e os pronomes possessivos

Bruyn (1994) aponta que sintagmas nominais (NPs) sem determinantes são comuns em muitas línguas crioulas. A ausência de artigo nos NPs corresponderia a não-indivduação¹, tal como proposto por Mufwene, noção que pode ser equiparada à chamada não-especificidade, proposta por Bickerton (1981, 1984) que distingue entre NPs genéricos, NPs dentro do escopo de negação e casos em que a identidade exata de um referente ou não é conhecida, ou irrelevante.

Alexandre & Soares (2004) apontam que os nomes nus em posição de sujeito, no caboverdiano, são muito frequentes, especialmente se ligados discursivamente e, para validar o estatuto de *kel/kes* como artigo definido valem-se dos possessivos, argumentando que, nos contextos nos quais estes ocorrem, *kel* não poderia ocorrer sem o clítico, o que evidenciaria uma competição pela mesma posição sintática entre *kel/kes* e os possessivos, ambos marcando definitude. Observem-se os dados apresentados pelos autores:

- (1) a. N Ø atxa rabes pamodi e ka Ø kumi
 1SG PFV achar estranho COMP 3SG NEG PFV comer
*nha kumida*²
 1SG.POSS comida
Acho estranho ele não comer minha comida.

¹A distinção entre individuação e não-individuação feita por Mufwene pode ser equiparada à distinção entre nomes contáveis e massivos. Em nomes não-individuados, a distinção entre singular e plural torna-se irrelevante, tal como nos nomes massivos.

- b. **Dja bu Ø odja kes nha fidju femia* (-li)?**
Já 2SG PFV olhar DET 1SG.POSS filho fêmea ADV
Você já viu as minhas filhas?

No dado (1a) o possessivo (*nha*) acompanha o nome (*kumida*) sem a presença de *kel*, em (1b) a partícula *kes* antecedendo o possessivo (*nha*) torna o dado agramatical em CCV. De acordo com a análise dos autores, é necessário o uso do advérbio (-li) depois do nome, pois, sem ele, *kes* e o possessivo não podem ocorrer juntos – ver Alexandre & Soares (2004).

Para o argumento dos autores sobre a concorrência entre *kel/kes* e os pronomes possessivos pela mesma posição sintática, trazemos os dados abaixo:

- (2) **kel bo amigo Ø tilifona**
DET 2SG.POSS amigo PFV telefonar
*Aquele seu amigo telefonou.*³
- (3) **bu nem ka dêxa-m kel bu livru⁴**
2SG.POSS NEG NEG Deixar-1SG.OBJ DET 2SG.POSS livro
Você não me deixou o seu livro / você não deixou seu livro para mim.

Em (2) a partícula *kel* antecede o possessivo (*bo*) formando o sintagma ‘*kel bo amigo*’. Em (3), a partícula *em* questão também antecede o possessivo (*bu*) formando o sintagma ‘*kel bu livru*’. Em ambos os dados, considerados gramaticais, não houve a necessidade do advérbio posposto ao nome, o que refutaria a hipótese apresentada por Alexandre & Soares sobre a disputa pela mesma posição sintática e indica a necessidade de um maior aprofundamento na análise sobre o que causa a agramaticalidade de (1b).

Em estudo realizado por Inverno & Swolkien (2003), as autoras tentam explicar o chamado “artigo definido zero”, realizando uma comparação entre o português europeu (PE), o português brasileiro (PB) e o CCV. As autoras apresentam a marca zero como marca de definição por excelência na língua caboverdiana.

Para fundamentar sua argumentação, elas valem-se de dois contextos específicos, a saber, os sintagmas nominais genericamente interpretados

²Alexandre (2004:4); dados renumerados, as glosas são nossas.

³Miranda & Quadros Gomes (2009), manuscrito. Testes semânticos.

⁴Quint (2000:183); glosas são nossas, traduzido.

(*Homem não chora*) e o contexto imediatamente anterior à ocorrência de possessivos (*Meus amigos chegara*). É válido ressaltar que o contexto envolvendo possessivos é o mesmo estudado por Alexandre & Soares (2004) apresentado acima e é por isso, além de abordar a questão dos nomes nus, que faz-se pertinente à nossa argumentação.

Nas análises, Inverno & Swolkien (2003) afirmam que tanto no PB quanto no CCV não há a ocorrência de artigo nos dois contextos estudados, enquanto no PE a ocorrência de artigo definido nestes contextos é obrigatória. Observem-se abaixo os dados apresentados pelas autoras:

- DPs genericamente interpretados:

PB:

- (4) Ø cachorro Come carne
 (5) Ø galinha Gosta muito de milho

CCV:

- (6) Ø **Katchupa Ta dura tres ora pa sta prontu**
 Ø Catchupa HAB durar três horas PREP estar pronto
Catchupa leva/demora três horas para ficar pronta.

PE:

- (7) O castor Constrói barragens

Tanto no PB quanto no CCV não há a ocorrência de artigo, enquanto no PE, há a ocorrência de artigo. Salientamos que no dado (6) em CCV, há a marca de habitualidade antes do verbo que já possui a leitura de genericidade, o que poderia tornar opcional a presença do determinante. Em português brasileiro não há tal marca, mas as sentenças (4) e (5), sem a presença do artigo definido, possuem leitura genérica.

Inverno & Swolkien explicam a semelhança entre o PB e o CCV, no tocante aos DPs genericamente interpretados, pelo contato com línguas desprovidas de artigo definido do grupo Níger-Congo, Yorubá e Banto, no caso do Brasil e Mandinga, Wolof entre outras, no caso de Cabo Verde. A não ocorrência de artigo definido, no contexto de sintagmas nominais genericamente interpretados, no PB e no CCV, vai de encontro à norma do PE, assim como de outras línguas românicas, como o francês e o espanhol, nas quais a presença de artigo neste contexto é obrigatória, como pode ser visto nos dados abaixo:

Francês:

- (8) *Le/Un castor construit des barrages.*
O/Um castor constrói barragens.

Espanhol:

- (9) *El/Un castor construye embalses.*
O/Um castor constrói barragens.

- Contexto anterior à ocorrência de possessivos [__ Poss (N)]

Observem-se os dados apresentados pelas autoras:

PB:

- (10) Quem sempre compra Ø nosso algodão é o Alfredo Cesarino
(11) ai Ø meu cachorro ... Ø meu cachorro é lindo né?

CCV:

- (12) ... Ø **Nha** **kamiza de** **note**
... Ø 1SG.POSS camisa PREP noite
... *minha camisa de noite.*

PE:

- (13) As nossas frequências são sempre difíceis.

Nos dados acima, observamos a presença de artigo definido, antes do possessivo, no português europeu, ao passo que em português brasileiro e em caboverdiano não há tal ocorrência. No tocante a estes dados, conforme apresentado anteriormente, no CCV, a partícula *kel* pode ocorrer antes dos possessivos:

- (14) **bu** **nem ka** **dêxa-m** **kel bu** **livru**⁵
2SG.POSS NEG deixar-1SG.OBJ DET 2SG.POSS livro
Você não me deixou o seu livro / você não deixou seu livro para mim.

Em português brasileiro, o artigo definido pode ser utilizado antes do possessivo, no entanto, é um emprego específico:

⁵Quint (2000:183), glosas são nossas, traduzido.

- (15) a. Este cinto é meu
b. Este cinto é O meu

Em (15a), a não ocorrência do artigo antes do possessivo acentua a simples ideia de posse, indica que o objeto é de propriedade da pessoa que profere (15a), (*Este cinto é meu, não o pegue*); em (15b) por outro lado, com a ocorrência do artigo definido antes do possessivo, a atenção é convergida ao objeto possuído, evidencia-o como distinto de outros da mesma espécie não pertencentes à pessoa que profere (15b)⁶, (*Este cinto é o meu, não é o cinto do João ou o de Maria*).

Em relação ao contexto anterior à ocorrência de possessivos, as autoras fundamentam a argumentação no desenvolvimento diacrônico da língua portuguesa que não utilizava artigo, neste contexto, nos séculos XV e XVI (quando da chegada dos portugueses a Cabo Verde e também ao Brasil). O português europeu teria seguido a tendência evolutiva das línguas românicas como o catalão e o italiano, entre outras, generalizando o uso do artigo definido junto ao possessivo, ao passo que no PB, a opção da não utilização de artigo neste contexto, poderia ser explicada segundo as autoras, pela influência da sintaxe das línguas da família Tupi – ver Inverno & Swolkien (2003:193). Segundo Navarro (1998: 33): “em rigor, em Tupi não existem pronomes possessivos nem adjectivos possessivos. Os possessivos são, na verdade, pronomes pessoais em relação genitiva (que se obtém, em Tupi, invertendo-se o nome da coisa possuída e o nome do possuidor (...))”.

Os dados (14), (15a) e (15b) demonstram que, neste contexto, a diferença entre as três línguas não é tão polarizada quando apontada pelas autoras e indica não ser possível fundamentar a argumentação da diferença entre o PE, PB e o CCV no desenvolvimento diacrônico do português europeu em relação à uma “conservação” do português brasileiro e do caboverdiano.

Nesta seção, vimos que a ocorrência ou não da partícula *kel* junto aos possessivos não pode ser um critério relevante para enquadrá-la, ou não, como artigo definido, pois, verificamos que, no CCV, a partícula *kel* pode sim anteceder possessivos e, além disso, no português brasileiro, o artigo definido pode ocorrer antes do possessivo, embora em um contexto específico. Não estamos afirmando que a partícula *kel*, diante dos fatos apresentados, deva ser enquadrada como artigo definido, mas sim que deve-se investigar se há alguma diferença semântica veiculada por esta partícula quando da ocorrência junto aos possessivos em relação à sua ocorrência em outros contextos.

⁶Cunha & Cintra (2007:228).

2 *KEL* (CCV) e *KIL* (KRIYOL)

O crioulo da Guiné-Bissau (Kriyol) compartilha muitas características com o CCV. Em um estudo sobre o Kriyol, Kihm (1994) assume que esta língua possui apenas o artigo indefinido *un* e indica que duas outras possibilidades estão disponíveis além de marcar algo como não específico. A primeira delas é marcar algo como específico, isto é, prontamente identificável, o que é uma das funções do artigo definido em português. A outra possibilidade é não tomar nenhuma atitude explícita quanto à eventual identificabilidade do referente. Esta última possibilidade é afirmada pelo autor, como o rumo seguido pela gramática do Kriyol.

Nesta língua, especificadores vazios são frequentemente encontrados onde artigos definidos são previstos para o português. O uso de *un* pode ser associado à introdução de novos referentes (16) e os nomes sem determinantes associados a referentes pressupostos (17).

- (16) **I yera BA un tarbaju garandi pa mi**
DET ser.PRET PRET DET trabalho grande PREP 1SG.OBL
Este foi um grande trabalho para mim.
- (17) **La ja tarbaju yera menus**
ADV já trabalho ser.PRET menos
Lá, o trabalho já foi menor.

No crioulo da Guiné Bissau, a função anafórica pode ser realizada pelo especificador vazio, como um caso especial de especificidade, mas também é possível através do uso do demonstrativo distal *kil*, embora frequentemente, segundo o autor, seja difícil decidir se este uso é anafórico ou dêitico.

- (18) **Kil⁷ asasinus bin di elikóteru**
DEM assassinos vir PREP helicóptero
Os assassinos vieram de helicóptero.

Em (18), notícia transmitida no jornal, a função de *kil* não pode ser mais do que indicar que os assassinos referidos são os mesmos já mencionados anteriormente. Quando usado anaforicamente, *kil* não pode ser reforçado com *la* seguido do núcleo nominal (“*kil asasinus la*” só poderia significar ‘aqueles assassinos’, com força dêitica).

⁷Kihm (1994:139), dados renumerados, as glosas são nossas, traduzido.

De acordo com Kihm, o artigo definido do português desaparece durante o processo de criouliização e não há nada na língua que poderia ser reanalisado para utilizar-se no lugar. O Kriyol tem seu próprio sistema, reconstruído em uma base mudada, usando como pivô somente o sobrevivente *un*. Este sistema possui algumas semelhanças com o Mandinga, exceto pela marca padrão que parece ser invertida. Os nomes em Mandinga são também chamados de formas ‘sufixadas’ (*súnkuto* ‘girl’ vs. *súnkutoo* ‘the/a girl’) e o efeito do uso é o foco da atenção do ouvinte sobre a pessoa ou coisa denotada pelo nome.

A partícula *kil* em Kriyol é analisada como um demonstrativo distal, a proximidade ou distância é medida relativamente pelo falante e pode ser material (20) ou ideal (19), pode se referir a espaço ou tempo, ou ainda a ambos. A escolha de uma ou outra forma (*es* para marcar proximidade e *kil* distância) é determinada por fatores cognitivos da situação objetiva ou subjetiva. A importação orientativa de *es* e *kil* pode ser reforçada pela posposição dos advérbios locativos *li* e *la*, respectivamente, ao núcleo nominal.

- (19) **E purblema ka na fika sín⁸**

DEM problema NEG PREP estar assim

Este problema não fica assim.

- (20) **Jubi son Ki algin ku firma la⁹**

olhar somente DEM alguém COMP estar de pé ADV

Só olhe para este cara aqui de pé.

Em CCV, de modo semelhante ao Kriyol, há a oposição entre as partículas *kel* e *es*; segundo Lang (2002) *kel* não diz nada sobre a proximidade ou distância, se espacial ou temporal do referente em questão, diferente de *kil* do Kriyol. E ainda, de acordo com Quint (2000), o demonstrativo *es* é menos empregado que *kel*, e essencialmente por contraste a ele, pois assinala a proximidade ou a “imediatez” do objeto designado. O autor observa ainda que são dois os elementos sublinham o campo semântico de *es*: (i) só combina-se com nome singular e (ii) só pode combinar com o advérbio *li*; enquanto *kel* combina-se com os advérbios *li* e *la* (*aqui* e *lá*, respectivamente).

Em relação a esta possibilidade de combinação, Quint ressalta que o sistema demonstrativo do CCV resulta da superposição de dois sistemas de representação espacial distintos; um sistema antigo (1) que opõe sistematicamente um plano do “eu” e um plano do “não-eu”:

⁸Kihm (1994:140), dado renumerado, as glosas são nossas, traduzido. Neste dado apresenta-se a forma reduzida do demonstrativo.

⁹Kihm (1994:140), dado renumerado, as glosas são nossas, traduzido. Neste dado apresenta-se a forma reduzida do demonstrativo.

Sistema 1 ¹⁰	Eu (moi)	Não-eu (Non-moi)
Demonstrativo	<i>es</i>	<i>kel</i>
Advérbio de lugar	<i>li</i>	<i>la</i>

A incompatibilidade de *es* e *la* em CCV moderno resulta deste sistema. O sistema (2) é ao que tende o CCV moderno:

Sistema 2 ¹¹	Eu (moi)	Não-eu (Non-moi)
Demonstrativo	<i>kel</i>	<i>kel</i>
Advérbio de lugar	<i>li</i>	<i>la</i>

O demonstrativo *es* tende a ser excluído em favor do *kel*, a oposição “eu” ≠ “não-eu” tende a ser expressa sistematicamente através do advérbio de lugar; é a mudança para o sistema 2 que explica a existência de *kel-li* em CCV moderno. Não nos deteremos nos pormenores desta questão por não ser o objeto deste artigo.

3 *KEL-ES* VERSUS *KEL-LI/-LA*

Baptista (2002) aponta que há dois tipos de demonstrativos em CCV: *kel/kes* e *es*. Em *kel/kes* há a flexão de número, mas não de gênero, *es* por outro lado não possui flexão nem de gênero, nem de número. Observem-se os dados abaixo (Baptista, 2002: 57 e 58; as glosas são nossas):

- (21) **N ta spera morti la na kel lei**
1SG HAB esperar morte ADV PREP DET regra
Eu espero a morte naquela lei.
- (22) **E tudu kes povu ki sta na nos**
3SG todo DET povo COMP estar PREP 1PL
Todos aqueles povos que estão em nós.

¹⁰Quint (2002:186), traduzido.

¹¹Quint (2002:186), traduzido.

- (23) **Nu tudu Ø fika kontenti ku es trabadju**
 1PL todo PFV ficar contente PREP DET trabalho
Todos nós ficamos contente com este trabalho.
- (24) **Nu Ø fika kontenti ku es mudjer/omi.**
 1PL PFV ficar contente PREP DET mulher/homem
Nós ficamos contente com esta/e mulher/homem.

Para *kel/kes* a concordância de número não é sempre necessária e também não flexiona quando da presença de um numeral indicativo de pluralidade (cf. 25).

- (25) **...ki tem kel dos mininu¹²**
 COMP ter DET dois menino
...que tem aqueles dois meninos.

A autora observa que a marca *li* e *la* são opcionais. A marca *li* indica proximidade enquanto *la* marca distância e pode combinar-se apenas com *kel/kes*. *Es* por outro lado, somente pode combinar-se com a marca *li*. Baptista aponta ainda que a diferença semântica entre as duas partículas é que *kel/kes* pode indicar tanto proximidade quanto distância do referente em relação ao falante enquanto *es* indica apenas proximidade.

Para a verificação da distinção entre *kel* e *es*, foram aplicados testes semânticos e os resultados destes corroboram que a distinção semântica entre as duas partículas, bem como a distinção entre *kel-li/-la* reside na proximidade *versus* distância do referente em relação ao falante. Elaboramos trinta sentenças inseridas em diferentes contextos. Observem-se os dados abaixo:

- (26) **kel mininu Ø pega bola**
 DET menino PFV pegar bola
Aquele menino pegou a bola.
- (27) **kel mininu li Ø pega bola**
 DET menino ADV PFV pegar bola
Aquele menino ali pegou a bola.

¹²Baptista (2002:58) – dados renumerados; as glosas são nossas.

Em (27), a interpretação relevante é que o menino está mais próximo do falante do que em (26) e ainda que o menino em (27) além de ser mais específico, possivelmente está sendo apontado pelo falante no momento da enunciação. No entanto, em uma mesma situação, a sentença (28) é considerada agramatical:

- (28) ***es mininu Ø pega bola**
DET menino PFV pegar Bola
Esse menino pegou a bola.

Considerando a sentença (2), que reproduziremos renumerada abaixo (cf. 29), como gramatical, realizamos o teste para verificação das partículas *li* e *la* em relação ao entendimento do falante quando da ocorrência de uma ou outra forma.

- (29) **kel bo amigo Ø tilifona**
DET 2SG.POSS amigo PFV telefonar
Aquele seu amigo telefonou.

- (30) **kel amigo li Ø Tilifona**
DET amigo ADV PFV telefonar
Aquele amigo (ali) telefonou.

- (31) **kel amigo la Ø Tilifona**
DET amigo ADV PFV telefonar
Aquele amigo (lá) telefonou.

- (32) **es bo amigo Ø tilifona**
DET 2SG.POSS amigo PFV telefonar
Esse seu amigo telefonou.

A sentença (30) pode ser utilizada desde que o ‘amigo’ esteja próximo do falante; (31) por outro lado, é aceitável apenas se o falante estiver indicando o amigo que telefonou (apontando ou referindo), ou seja, além da presença do referente é necessário a indicação gestual. Em uma situação na qual o ‘amigo’ está presente, o ‘amigo’ de (30) está mais próximo do que o amigo de (31). Já a sentença em (32) não possui restrições de aceitabilidade.

Um outro contexto elaborado para a aplicação dos testes foi o seguinte: considerando uma situação em que há várias maçãs em uma cesta, João pergunta para Maria se pode pegar uma maçã e Maria responde:

- (33) **Nhu Ø pega kel Ki bo átcha más bunitu.**
 2SG.M PFV pegar DET COMP 2SG.POSS achar mais bonito
Pegue a que você achar mais bonita.
- (34) **Nhu Ø pega kel li ki bo átcha más bunitu.**
 2SG.M PFV pegar DET ADV COMP 2SG.POSS achar mais bonito
Pegue aquela ali que você acha mais bonita.
- (35) **Nhu Ø pega es ki bo átcha más bunitu.**
 2SG.M PFV pegar DET COMP 2SG.POSS achar mais bonito
Pegue (essa) que você acha mais bonita.

Na sentença (33) João pode pegar a maçã que ele considerar mais bonita dentro do conjunto de todas as maçãs que estão na cesta; para que Maria responda com a sentença em (34) ela tem que ter feito algum comentário anterior sobre qual maçã João considerava mais bonita e, neste caso, ela estaria retomando o referente mencionado anteriormente no discurso. Em (35), o informante nos alerta que não há nenhuma restrição para o uso diante da mesma situação.

Observem-se os pares de sentenças abaixo:

- (36) **kel mininu ki N Ø odja ontí**
 DET menino COMP 1SG PFV olhar ontem
Aquele menino que eu vi ontem.
- (37) **kel mininu la ki N Ø odja ontí**
 DET menino ADV COMP 1SG PFV olhar ontem
Aquele menino lá que eu vi ontem.

Em (36) o falante está se referindo a um menino que viu no dia anterior, não especificando quem seja, em (37) por outro lado, o menino em questão está a vista do ambiente discursivo, no entanto distante dos interlocutores.

Em (38) fala-se de um homem específico, especificidade esta não tão explícita em (39).

- (38) **es ómi é spertu**
 DET homem ser esperto
Este homem é esperto.

- (39) **kel ómi é spertu**
DET homem ser esperto
Aquele homem é esperto.

Diante dos testes, podemos observar que a partícula *kel* pode ser utilizada para fazer uma referência genérica dentro de uma relativa (cf. 40), no entanto, quando acompanhada da partícula adverbial, não pode ser utilizada genericamente (cf. 41); a partícula *es* também não pode ser utilizada para expressões genéricas (cf. 42) em uma sentença relativa.

- (40) **kel ki gosta di futibol**
DET COMP gostar PREP futebol
Aquele que gosta de futebol.

- (41) *kel la ki gosta di futibol

- (42) *es ki gosta di futibol

Em CCV os nomes, em geral, não possuem determinantes vozeados, isto é, são nomes nus, no entanto, quando o nome é acompanhado da partícula *kel* o referente torna-se mais específico. Quando da utilização das partículas *la* e *li* combinadas com *kel*, o referente torna-se ainda mais específico no tocante ao seu lugar no ambiente discursivo, com a partícula *li* indicando maior proximidade do referente em relação ao falante e *la* indicando um afastamento. A partícula *es* por sua vez, também torna o referente mais específico, no entanto indica maior proximidade do referente em relação ao falante, não há uma gradação de proximidade entre *kel-li* e *es*, até o momento de nossas análises o uso dos dois nos parece ser indistinto.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Resumindo as características das partículas estudadas, temos: (i) os nomes nus em CCV são sintagmas nominais plenos; (ii) *kel* não se comporta como artigo, apesar de contribuir para especificidade; (iii) *kel* não pode ser utilizado para generalizar, exceto em orações relativas, ou para criar ou introduzir um novo referente, funções que são triviais do artigo definido.

No tocante a distinção entre *kel*, *es* e *kel-li/la* concluímos até o momento: (i) *es* só se combina com nome no singular, conforme já apontado por Quint; (ii) *kel* pode ser utilizada para fazer referência genérica em sentenças relativas, no entanto, quando acompanhada da partícula adverbial não pode ser utilizada

genericamente; (iii) *es* não pode ser utilizada para fazer referência genérica em sentenças relativas; (iv) quando da utilização das partículas *la* e *li* combinadas com *kel*, o referente torna-se ainda mais específico no tocante ao seu lugar no ambiente discursivo, com a partícula *li* indicando maior proximidade do referente em relação ao falante e *la* indicando um afastamento; (v) *es* por sua vez, também torna o referente mais específico, contudo, indica maior proximidade do referente em relação ao falante; (vi) não há uma gradação de proximidade entre *kel-li* e *es*, até o momento de nossas análises, o uso dos dois nos parece ser indistinto.

Neste artigo, apresentamos alguns pontos do sintagma nominal caboverdiano que ainda não foram esclarecidos ou aprofundados, ressaltando a necessidade de um estudo mais amplo a respeito do sintagma nominal no caboverdiano que, conforme já apontado por Baptista, apresenta ainda muitas questões que devem ser olhadas mais de perto.

Referências

- ALEXANDRE, N. SOARES, N. V. 2004. O domínio nominal em Crioulo de Cabo Verde: o puzzle dos bare nouns. In: *XX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa: APL, pp. 337-350.
- ARENDS, J., KOUWENBERG, S. & SMITH, N. 1994. Theories focusing on the non-European input. In: Arends, Jacques, Pieter Muysken & Norval Smith (eds.). *Pidgins and creoles an introduction*, p. 99-109. Part II, theories of genesis.
- BAPTISTA, M. 2002. *The syntax of Cape Verdean Creole – the Sotavento Varieties*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins. Linguistic Today, vol. 54.
- BRUYN, A. 1994. Noun phrases. In: Arends, Jacques, Pieter Muysken & Norval Smith (eds.). *Pidgins and creoles an introduction*, p. 258-266. Part IV, grammatical features
- CUNHA, C. & CINTRA, L. F. L. 2008. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 5 ed. Rio de Janeiro: Lexikon.
- LANG, J. 1994. O interesse da Linguística pelo Crioulo de Cabo Verde. *Papia* 3 (1): 91-105
- LANG, J. 2002. *Dicionário do Crioulo da Ilha de Santiago (Cabo Verde)*. Gunter Narr Verlag.
- LIMA, H. 2000. *Um Bes Tinha Nhu Lobu ku Xibinhu....*Praia: Instituto de Promoção Cultural.

LUCCHESI, D. 1994. Os artigos nos crioulos de Cabo Verde e S. Tomé: princípios gerais e fatores específicos. *Papia* 3 (1): 61-83.

MIRANDA, W; QUADROS GOMES, A. P. 2009. *Testes semânticos em caboverdiano: kel/ um/ uma*. São Paulo. Manuscrito.

MIRANDA, W; QUADROS GOMES, A.P.; OLIVEIRA M. 2010. *Sobre a (In)existência de artigo em caboverdiano*. In: Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa. Évora: Universidade de Évora – Portugal, p. 01-20.

QUINT, N. 2000. *Grammaire de la langue cap-verdienne*. Paris: L'Harmattan.

VEIGA, M. 2002. *O caboverdiano em 45 lições*. Praia: INIC.

5 ABREVIATURAS USADAS EM GLOSAS NESTE ARTIGO:

[1SG/2SG/3SG] – 1^a./2^a./3^a. pessoa do singular;

[1P/2P/3P] – 1^a./2^a./3^a. pessoa do plural;

[ADV] – advérbio

[COMP] – complementizador

[DEM] – demonstrativo

[DET] – determinante

[HAB] – aspecto habitual;

[M] – masculino

[NEG] – partícula de negação;

[OBJ] – objeto

[OBL] – oblíquo

[PFV] – perfectivo

[PREP] – preposição;

[POSS] – possessivo;

[PRET] – passado

Recebido em: 05/05/2012

Aceito em: 20/09/2012
